

A palavra do superior geral**Formação permanente,
para servir melhor**

*“E com muitas parábolas como essas lhes anunciava a palavra (à multidão),
até onde eles podiam entender.
Ele falava com eles apenas em parábolas,
mas aos seus discípulos explicava tudo em particular» (Mc 4, 33-34)*

Queridos betharramitas:

Aos olhos do povo, sacerdotes e religiosos são pessoas que estudam muito... Várias línguas, cursos e carreiras, dez anos de formação inicial... Mas o que é verdade em tudo isso? Estamos adequadamente preparados para proclamar o evangelho de acordo com as exigências e a linguagem de um mundo em mudança? Ou a formação está se tornando uma oportunidade para alimentar um individualismo autorreferencial disfarçado? Sabe-se que as pessoas têm a tendência de estudar o que mais gostam, o que pensam será a realização de suas vidas, e

isso parece justo. No entanto, essa não é exatamente a experiência a ser realizada quando contemplamos o discipulado para o Reino que o evangelho de Cristo nos apresenta.

Isso geralmente acontece conosco no início da formação, como àquele cego: não vemos claramente, vemos *“pessoas como árvores que caminham”* (Mc 8,24). Tudo muda quando, mais tarde, amadurecemos a experiência da própria vocação. Aceitando a vontade de Deus, aquele Jesus que falava ao povo em parábolas nos congrega em particular e nos explica o sentido profundo das coisas (Mc 4,34). Ele nos educa no íntimo. E nessa intimidade com Ele (que não é intimismo) cresce a experiência da formação. Aprendemos a ser dóceis ao Divino Mestre, que tem seus próprios tempos, conteúdos e métodos...

O seguimento de Cristo é sempre desapropriação, implica viver o paradoxo do Evangelho: *“deixar para obter”, “sair para alcançar a meta”, “perder tudo para ganhar o Reino”*. Nesse sentido, a autorrealização – da qual tanto se fala por aí – seria antes a consequência de um processo de autotranscendência em Cristo livremente assumido e não uma condição para seguir o Senhor.

A formação permanente dura a vida toda. São muitos os recursos ordinários à nossa disposição: o exame de consciência, a lectio divina, a Eucaristia, a confissão frequente, a direção espiritual, o cumprimento de nossos deveres e atividades missionárias, o serviço e a oração comunitária, os encontros em comunidade, na Congregação e em nível diocesano; a preparação da homilia, o estudo específico dos documentos, as leituras, as relações interpessoais, o retiro anual, os cursos online, etc. Estas são ações da vida cotidiana que nos ajudam a proteger, cultivar e purificar nosso equilíbrio humano e vocacional. Eles são formação permanente.

No entanto, há momentos na vida em que todas essas ferramentas não são suficientes e é necessário dedicar um tempo mais intenso para nós mesmos, seja porque nos sentimos cansados, porque um relacionamento nos machucou, porque experimentamos um fracasso no apostolado, uma decepção, porque a rotina tomou conta de nós, ou porque depois de muito tempo estamos experimentando uma mudança para outra missão. É então que precisamos de um tempo e de um ambiente que nos permita aprofundar o conhecimento de nós mesmos, descobrindo as resistências que, sem culpa nossa, nos mantêm bloqueados e nos impedem de dar o melhor que temos,

cooperando no amadurecimento de nossa personalidade, da nossa vocação e missão.

Este seria o caminho de crescimento, maturidade e plenitude no Espírito pelo qual nos conduz a nossa relação com Jesus, nosso Mestre, com o Pai do Céu e com os irmãos. Trata-se de libertar a “fonte secreta do amor”, da qual falava São Miguel Garicoits, porque algo a mantém bloqueada e tira o ímpeto, o dinamismo e o compromisso de nossa existência como betharramitas. Nessas situações, não basta fazer alguns cursos (presenciais ou virtuais) ou ler alguns livros. Não basta apenas tirar férias ou fazer uma viagem de vários dias. Precisamos alcançar as experiências fundamentais de nossa vida, as motivações que orientam nossa conduta, o propósito de nossa existência e nossa ação: o reencontro com a pessoa de Jesus, que deu uma nova orientação à nossa vida, que, por algum motivo, se extinguiu ou se tornou um fardo.

O Capítulo Geral de 2023 em Chiang Mai convidou todos nós a estarmos mais atentos para acompanhar os religiosos nos primeiros anos após a profissão perpétua e as ordenações. A ata diz:

N. 93: Nossa Regra de Vida nos lembra que a formação permanente “*é essencial para a vida e a missão de nossa Congregação na Igreja*” (RdV n. 170). Esta realidade convida cada religioso a ser o primeiro responsável pela própria formação, num caminho de contínuo crescimento e amadurecimento. “*A formação permanente favorece a maturidade da pessoa, por isso nunca termina: é um processo contínuo de crescimento*”. (Ratio Formationis n. 250). Para ajudar cada religioso neste caminho de formação, o Capítulo Geral propõe o seguinte:

Nº 94: 1. Depois de ter examinado as saídas dos religiosos nos últimos anos e outras fragilidades durante os primeiros anos de vida religiosa, o Capítulo Geral pede insistentemente *aos Superiores Regionais que estabeleçam um plano de formação permanente (PFP) para os três primeiros anos dos irmãos religiosos recém-ordenados e novos irmãos religiosos*. O Superior Regional, com a colaboração do Vigário Regional e do Superior da comunidade, dê apoio aos novos religiosos. Esses pontos devem estar no projeto pessoal do religioso, no qual devem ser valorizados seus dons pessoais e entusiasmo missionário.

Acreditamos que toda formação reassume a pessoa como um verdadeiro discípulo. Propomos instrumentos úteis que devem ser assumidos com fé e laboriosidade, para que possamos dar frutos de serviço na pastoral e na missão que nos é proposta.

Assim, *ao longo do caminho*, como acontece com os discípulos de Emaús, iremos redescobrimos o sentido de uma formação bem encarnada e inculturada, pois não são as teorias que mudam o mundo, mas a experiência pessoal e comunitária de uma profunda configuração com os sentimentos de Cristo, aniquilado e obediente.

Que Deus lhes abençoe:

Pe. Gustavo Agín scj

Superior Geral

Perguntas para compartilhar na comunidade:

- 1. Compartilhe os frutos de uma experiência de formação permanente que o ajudou em seu discipulado betharramita.*
- 2. Seu vicariato sofreu recentemente a partida de um irmão (para a diocese, dispensa de ministério, etc.)? Como você experimentou isso? Na sua opinião: Algo deu errado na formação deste irmão?*
- 3. Que importância você deu à formação permanente em sua vida religiosa? Que nova experiência poderia torná-lo mais frutífero?*